

PRÉ-MODERNISMO E MODERNISMO



Mario de Andrade (1893 a 1945)

Caracterização

O pré-modernismo surge com as obras “Os Sertões” de Euclides da Cunha e “Canaã” de Graça Aranha. Chamamos de pré-modernismo a uma fase de transição da literatura brasileira que vai do final do século XIX até a Semana de Arte Moderna de 1922. Pontificam aqui alguns autores que, se não podem ser considerados modernistas, pelo menos se distanciam do conservadorismo parnasiano que existia no período. Podemos dizer que se delineia uma certa consciência de ruptura, uma recusa em aceitar o arcaísmo e o academicismo reinantes.

É verdade que este período apresentou uma grande diversidade de estilos e visões de mundo, que se encontra, contudo, no desejo de problematizar nossa realidade sócio-cultural. Esse desejo pode ser sintetizado em alguns pontos:

É possível verificar que neste período convivem tendências **conservadoras** e **renovadoras**, tornando seu estudo um tanto delicado. Devemos considerar como aspecto **conservador** a forma que se mantém tradicional como havia se consagrado entre os realistas e naturalistas, no final do séc. XIX. O aspecto **renovador** está ligado diretamente ao conteúdo, que demonstra senso crítico e apresenta uma nova visão da sociedade brasileira. O Brasil não é mais aquele país “berço esplêndido” de que o poeta

Gonçalves Dias sentia tanta saudade quando estava estudando em Portugal.

Características do Pré-Modernismo

São estes alguns aspectos problemáticos da realidade brasileira: a miséria e o subdesenvolvimento nordestinos; a miséria do caboclo paulista e o anacronismo das práticas agrícolas; os novos problemas trazidos pela urbanização, tais como: o subúrbio, as greves, o jogo do bicho, os pobres, etc.

- Preocupação com as populações interioranas, postas à margem do Brasil costeiro. É o caso do livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha.
- Absorção de mudanças que estão se operando no mundo urbano; denúncia de certos mecanismos burocrático-institucionais. Serve como exemplo a obra de Lima Barreto.
- Tematização do encontro das etnias, do cruzamento racial. Ver “Canaã”, de Graça Aranha.
- Denúncia da realidade brasileira.
- Regionalismo
- Tipos humanos marginalizados.
- Ligação com fatos políticos, econômicos e sociais contemporâneos.

Análise do Texto



Livro da
Coleção
“Estadão
é muito
mais
jornal”

O que você lerá a seguir é uma parte do romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto. O trecho mostra bem a atitude de crítica à visão de patriotismo que foi desenvolvida pelo romantismo e que impregnou fundamentalmente o espírito nacional.

“Olga e o marido passaram no “Sossego” cerca de quinze dias. O marido, ao fim de uma semana, já parecia cansado. Os passeios não eram muitos. Em geral, os nossos lugarejos são de uma grande pobreza do pitoresco; há um ou dois lugares célebres, assim como na Europa cada aldeia tem a sua curiosidade histórica.

Em Curuzu, o passeio afamado era o Carico, uma cachoeira distante duas léguas da casa de Quaresma, para as bandas das montanhas que lhe barravam o horizonte fronteiro. O doutor Campos já travara relações com o major e, graças a ele, houve cavalos e silhão que também permitisse à moça ir à cachoeira.

Foram de manhã, o presidente da Câmara, o doutor, sua mulher e a filha de Campos. O lugar não era feio. Uma pequena cachoeira, de uns quinze metros de altura, despenhava-se em três partes, pelo flanco da montanha abaixo. A água estremecia na queda, como que se enrodilhava e vinha pulverizar-se numa grande bacia de pedra, mugindo e roncando. Havia muita verdura e como que toda a cascata vivia sob uma abóbada de árvores. O sol coava-se dificilmente e vinha faiscar sobre a água ou sobre as pedras em pequenas manchas, redondas ou oblongas. Os periquitos, de um verde mais claro, pousados nos galhos, eram como as incrustações daquele salão fantástico.

Olga pôde ver tudo isso bem à vontade, andando de um para outro lado, porque a filha do presidente era de um silêncio de túmulo e o pai desta tomava com o seu marido informações sobre novidades medicinais: como se cura hoje erisipela? Ainda se usa muito o tártaro emético?”



do livro “Triste Fim de Policarpo Quaresma” da Editora Klick

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros ideia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapê sinistro e aquele “sopapo” que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. Por que ao redor dessas casas não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? E não havia gado, nem grande nem pequeno. Era raro uma cabra, um carneiro. Por quê? Mesmo nas fazendas, o espetáculo não era mais animador. Todas soturnas, baixas, quase sem o pomar olente e a horta suculenta. A não ser o café e um milharal, aqui e ali, ela não pôde ver outra lavoura, outra indústria agrícola. Não podia ser preguiça só ou indolência. Para o seu gasto, para uso próprio, o homem tem sempre energia para trabalhar. As populações mais acusadas de preguiça trabalham relativamente. Na África, na Índia, na Conchinchina, em toda a parte, os casais, as famílias, as tribos, plantam um pouco, algumas cousas para eles. Seria a terra? Que seria? E todas essas questões desafiavam sua curiosidade, o seu desejo de saber, e também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos!...

Pensou em ser homem. Se o fosse passaria ali e em outras localidades meses e anos; indagaria, observaria e com certeza havia de encontrar o motivo e o remédio. Aquilo era uma situação do camponês da Idade Média e começo da nossa: era o famoso animal de La Bruyère que tinha face humana e voz articulada...

Como no dia seguinte fosse passear ao roçado do padrinho, aproveitou a ocasião para interrogar a respeito o tagarela Felizardo. A faina do roçado ia quase no fim; o grande trato da terra estava quase inteiramente limpo e subia um pouco em ladeira a colina que formava a lombada do sítio.

Olga encontrou o camarada cá embaixo, cortando a machado as madeiras mais grossas; Anastácio estava no alto, na orla do mato, juntando, a ancinho, as folhas caídas. Ela lhe falou.

- Bons dias, “sá dona”.
- Então trabalha-se muito, Felizardo?
- O que se pode.
- Estive ontem no Carico, bonito lugar... Onde é que você mora, Felizardo?
- É doutra banda, na estrada da vila.
- É grande o sítio de você?
- Tem alguma terra, sim senhora, “sá dona”.
- Você por que não planta para você?
- “Quá sá dona!” O que é que a gente come?

– O que plantar ou aquilo que a plantação der em dinheiro.

– “Sá dona tá” pensando uma cousa e a cousa é outra. Enquanto planta cresce, e então? “Quá, sá dona”, não é assim.

Deu uma machadada; o tronco escapou: colocou-o melhor no picador e, antes de desferir o machado, assim disse:

– Terra não é nossa... E “frumiga”?... Nós não “tem” ferramenta... isso é bom para italiano ou “alamão”, que governo dá tudo... Governo não gosta de nós...

Desferiu o machado, firme, seguro; e o rugoso tronco se abriu em duas partes, quase iguais, de um claro amarelado, onde o cerne escuro começava a aparecer.

Ela voltou querendo afastar do espírito aquele desacordo que o camarada indicara, mas não pôde. Era certo. Pela primeira vez notava que o self-help do Governo era só para os nacionais; para os outros todos os auxílios e facilidades, não contando com a sua anterior educação e apoio dos patrícios.

E a terra não era dele? Mas de quem era então, tanta terra abandonada que se encontrava por aí? Ela vira até fazendas fechadas, com as casas em ruínas... Por que esse acaparamento, esses latifúndios inúteis e improdutivos?

A fraqueza de atenção não lhe permitiu pensar mais no problema. Foi vindo para casa, tanto mais que era hora de jantar e a fome lhe chegava.

Encontrou o marido e o padrinho a conversar. Aquele perdera um pouco da sua morgue; havia mesmo ocasião em que era até natural. Quando ela chegou, o padrinho exclamava:

– Adubos! É lá possível que um brasileiro tenha tal ideia! Pois se temos as terras mais férteis do mundo!

– Mas se esgotam, major, observou o doutor.

Dona Adelaide, calada, seguia com atenção o crochet que estava fazendo; Ricardo ouvia, com os olhos arregalados; e Olga intrometeu-se na conversa:

– Que zanga é essa, padrinho.

– É teu marido que quer convencer-me que as nossas terras precisam de adubos ... Isto é até uma injúria!

– Pois fique certo, major, se eu fosse o senhor, aduziu o doutor, ensaiava uns fosfatos ...

– Decerto, major, obtemperou Ricardo. Eu, quando comecei a tocar violão, não queria aprender música... Qual música! Qual nada! A inspiração basta!... Hoje vejo que é preciso... É assim, resumia ele.

Todos se entreolharam, exceto Quaresma que logo disse com toda a força d'alma:

– Senhor doutor, o Brasil é o país mais fértil do mundo, é o mais bem dotado e as suas terras não precisam “empréstimos” para dar sustento ao homem. Fique certo!

– Há mais férteis, major, avançou o doutor.

– Onde?

– Na Europa.

– Europa?!

– Sim, na Europa. As terras negras da Rússia, por exemplo.

O major considerou o rapaz durante algum tempo e exclamou triunfante:

– O senhor não é patriota! Esses moços...

O jantar correu mais calmo. Ricardo fez ainda algumas considerações sobre o violão. À noite o menestrel cantou a sua última produção: “Os Lábios da Carola”. Suspeitava-se que Carola fosse uma criada do doutor Campos; mas ninguém aludiu a isso. Ouviram-no com interesse e ele foi muito aclamado. Olga tocou no velho piano de Dona Adelaide; e, antes das onze horas, estavam todos recolhidos.



do livro “Triste Fim de Policarpo Quaresma” da Editora Klick

Quaresma chegou a seu quarto despiu-se, enfiou a camisa de dormir e, deitado, pôs-se a ler um velho elogio das riquezas e opulências do Brasil.

A casa estava em silêncio; do lado de fora, não havia a mínima bulha. Os sapos tinham suspendido um instante a sua orquestra noturna. Quaresma lia; e lembrava-se que Darwin escutava com prazer esse concerto dos charcos. Tudo na nossa terra é extraordinário! pensou. Da despensa, que ficava junto a seu aposento, vinha um ruído estranho. Apurou o ouvido e prestou atenção. Os sapos recomeçaram o seu hino. Havia vozes baixas, outras mais altas e estridentes; uma se seguia à outra, num dado instante todas se juntaram num uníssono sustentado. Suspenderam um instante a música. O major apurou o ouvido; o ruído continuava. Que era? Eram uns estalos tênues; parecia que quebravam gravetos, que deixavam outros cair ao chão... Os sapos recomeçaram; o regente deu uma martelada e logo vieram os baixos e os tenores. Demoraram muito; Quaresma pôde ler umas cinco páginas. Os batráquios pararam; a bulha continuava. O major levantou-se, agarrou o castiçal e foi à dependência da casa onde partia o ruído, assim mesmo como estava, em camisa de dormir.

Abriu a porta; nada viu. Ia procurar nos cantos, quando sentiu uma ferroadada no peito do pé. Quase gritou. Abaixou a vela para ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com toda a fúria à sua pele magra. Descobriu a origem da bulha. Eram formigas que, por um buraco no assoalho, lhe tinham invadido a despensa e carregavam as suas reservas de milho e feijão, cujos recipientes tinham sido deixados abertos por inadvertência. O chão estava negro, e carregadas com os grãos, elas, em pelotões cerrados, mergulhavam no solo em busca da sua cidade subterrânea.

Quis afugentá-las. Matou uma, duas, dez, vinte, cem; mas eram milhares e cada vez mais o exército aumentava. Veio uma, mordeu-o, depois outra, e o foram mordendo pelas pernas, pelos pés, subindo pelo seu corpo. Não pôde aguentar, gritou, sapateou e deixou a vela cair.

Estava no escuro. Debatia-se para encontrar a porta; achou e correu daquele ínfimo inimigo que, talvez, nem mesmo à luz radiante do sol, o visse distintamente..."

Lima Barreto

EXERCÍCIOS

01. O que mais chamou a atenção durante o passeio de Olga? _____

02. Qual a ideia que Olga tinha acerca dos roceiros? _____

03. A visão "romântica" que se tem sobre o homem do campo corresponde à realidade? Por quê?

04. Será que a situação de miséria, em que se encontra o camponês, decorre de sua "preguiça"? Justifique com palavras do próprio texto a sua resposta.

05. Aparece no texto o problema do latifúndio? Como tal problema é tratado?

06. O arroubo patriótico do Major Quaresma "Temos as terras mais férteis do mundo" corresponde à realidade que está sendo mostrada pelo texto? Comente.

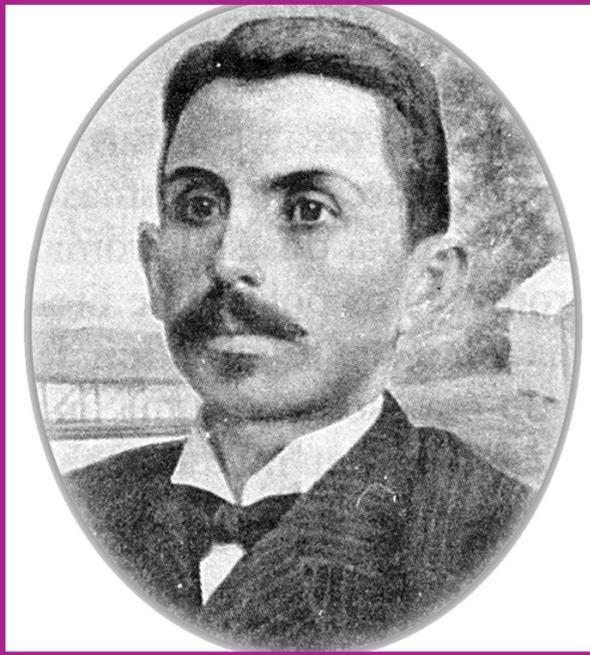
07. Como você interpreta o episódio da invasão das formigas?

08. Há alguma ironia por parte do narrador ao tratar o patriotismo do Major Quaresma? Justifique.

POETAS PRÉ-MODERNISTAS

EUCLIDES DA CUNHA

Nasceu no município de Cantagalo (Rio de Janeiro), em 1866, e morreu no Rio de Janeiro, em 1909.



*Euclides Rodrigues da Cunha (1866 a 1909).
Autor de “Os Sertões”, 1ª obra brasileira a denunciar a
miséria eo subdesenvolvimento.*

Obras

Os Sertões, Contrastes e Confrontos, Peru Versus Bolívia, À Margem da História, Canudos, Diário de uma Expedição.

Aspectos da Obra

Em “**Os Sertões**”, principal obra de Euclides da Cunha, aparece o problema da destruição de Canudos. O livro divide-se em três partes: **a Terra, o Homem e a Luta**. Tal divisão evidencia a existência de um modelo claramente determinista. A obra é o resultado da fusão e reelaboração de artigos que o autor enviava, como correspondente, ao jornal “O Estado de São Paulo”.

No ano de 1897, Euclides da Cunha foi enviado a Canudos pelo jornal “A Província de São Paulo”, hoje “O Estado de São Paulo”, para fazer a cobertura jornalística de Revolta, permanecendo lá durante três meses, de agosto a outubro. Ao voltar para São Paulo, inicia sua obra-prima “Os Sertões”, também conhecida como “Tragédia da Nacionalidade Brasileira”. Este romance, misto de literatura e de sociologia, é a **primeira obra brasileira a denunciar a miséria e o subdesenvolvimento**. Está dividida em três partes:

A Terra

Nesta parte, Euclides faz um apanhado geral dos caracteres geológicos e topográficos das regiões que medeiam entre o Rio Grande do Norte e o Sul de Minas Gerais, de modo particular a bacia do Rio São Francisco. É uma descrição abundante das regiões sertanejas de Monte Santo (Canudos), que abrangem os rios Vaza-Barris e Itapicurus. O escritor analisa as causas da seca e aponta o homem como um “agente geológico de destruição”, que pratica uma agricultura selvagem e primitiva, baseada nas queimadas, arrasando florestas e criando verdadeiros desertos, onde o ciclo das secas se torna insuportável.

O Homem

Nesta parte, Euclides pretende apresentar um estudo genérico sobre os elementos étnicos do homem brasileiro, os caracteres da sua índole e sua distribuição pelo território nacional. Aborda a questão das raças (índio, português e negro) e de sub-raças (mestiços). Sua maior crítica é sobre estes últimos que, segundo Euclides, na sua formação evolucionista são produtos do cruzamento de dois elementos étnicos: um superior e outro inferior. Em virtude disto, os mestiços (mulatos, cafuzos, mamelucos) são decaídos “sem a energia física dos ascendentes selvagens e sem a intensidade intelectual dos ancestrais superiores”. Se o mestiço vive em meio aos elementos étnicos superiores se desequilibra, se atrofia, se degrada; o mesmo, porém, não se dá com o mestiço que vive com os elementos inferiores. É o caso dos nossos mestiços do litoral e os do sertão (os sertanejos): “O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo dos mestiços neurastênicos do litoral.” Disserta, então, sobre os dois tipos de mestiços: o do norte (o vaqueiro) e o do sul (o gaúcho). Segue-se o relato dos usos, costumes, religião e índole do vaqueiro. Como preparação aos episódios de Canudos, Euclides expõe a genealogia de Antônio Conselheiro, comentando fatos de seus antepassados que cometeram crimes e vinganças. O Messias, então, se fixa naquele lugar, uma fazenda abandonada, que se transformaria no “Arraial de Canudos”. Os sertanejos afluem de todas as partes e formam uma sociedade insólita dentro do Brasil.

A Luta

Surge a figura de Antônio Conselheiro (chefe da campanha de Canudos). Nesta parte, Euclides da Cunha visa a narrar as expedições a Canudos e as origens do conflito: as autoridades de Juazeiro se recusam a entregar a madeira comprada pelo **Conselheiro** para cobrir a nova igreja de Canudos. Os sertanejos ameaçam invadir a cidade para pegar a compra. O governo do Estado manda que, em Juazeiro, se organize uma força que elimine o “foco de banditismo”.

A primeira expedição, com 100 homens, comandados pelo tenente Pires Ferreira, é surpreendida e derrotada pelos jagunços no povoado de Uauá.

A segunda expedição, com 500 homens, comandados pelo major Febrônio de Brito e organizada em colunas maciças, é derrotada por uma emboscada, nos acidentados terrenos do Morro do Cambaio e em Tabuleirinhos. Entre os sertanejos destacam-se João Grande e Pajeú, este último considerado por Euclides como um verdadeiro gênio militar. Reduzidos a 100 homens, as tropas do governo decidem voltar.

A terceira expedição, com 1300 homens, comandados pelo coronel Moreira César, já armados com canhões Krupp - recém importados da Alemanha - tentou um ataque frontal, mas, surpreendidos pelo terreno acidentado, partem em retirada, deixando para trás muitas armas, inclusive os canhões e o corpo do coronel Moreira César.

A quarta expedição, com 5000 homens, chefiados pelos generais Artur Oscar, João da Silva Barbosa e Cláudio Savaget, é enviada pelo Sul. As tropas conseguem algumas vitórias, mas os soldados mal resistem à fome e às condições das batalhas desgastantes. Em agosto de 1897, 8000 homens deslocam-se para a região, comandados pelo próprio Ministro da Guerra, o Marechal Carlos Bittencourt. São cortadas as saídas de Canudos, o abastecimento de água é interrompido e vem o grande massacre a que Euclides da Cunha assistiu do Morro do Uauá e mais tarde transformou na obra “Os sertões.”

LIMA BARRETO

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1881, falecendo na mesma cidade, em 1922.



Obras

Recordações do Escrivão Isaías Caminha, Triste Fim de Policarpo Quaresma (sua principal obra), Numa e a Ninfa, Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá, Clara dos Anjos, etc.

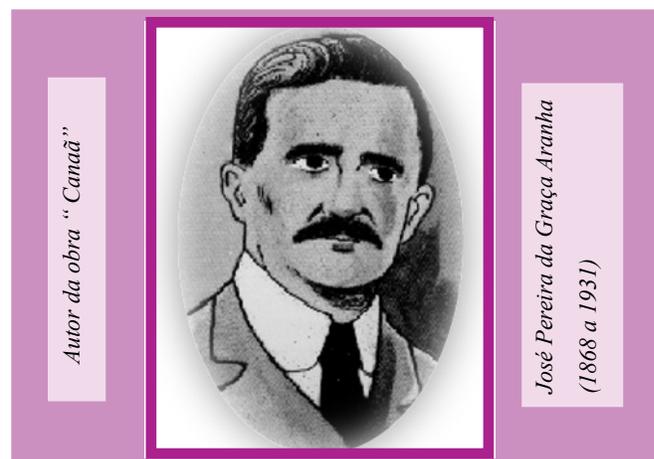
Aspectos da obra

Os romances de Lima Barreto estão marcados por um caráter nitidamente urbano: são cenas da vida suburbana carioca; da pequena classe média; das camadas populares. Utiliza uma linguagem solta, despreocupada com o aspecto gramatical, o que aliás irritava os acadêmicos da época. Para alguns críticos, a vida sofrida (o pai de Lima Barreto terminou seus dias no hospício; o próprio Lima Barreto foi internado algumas vezes; o preconceito que se alimentava contra a cor mulata de Lima Barreto) do autor influenciou sua obra.

Lima Barreto foi “o iconoclasta de tabus, o demolidor da hipocrisia e o crítico mordaz da burguesia reacionária”. Devemos entender, por outro lado, que Lima Barreto não era um crítico inconseqüente e que saía atirando em toda parte. Suas críticas são sempre fundamentadas e sempre se preocupavam com o declínio do nível de vida das pessoas e a sua pobreza cultural.

GRAÇA ARANHA

Nasceu em São Luís do Maranhão, em 1868 e morreu no Rio de Janeiro, em 1931.



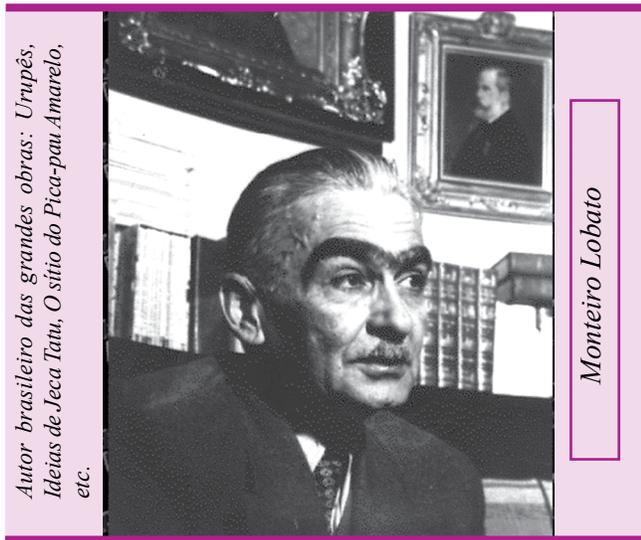
Obras

Canaã (sua principal obra), Malasarte, A Estética da Vida, Espírito Moderno, A Viagem Maravilhosa.

Nota:

Na obra Canaã, Graça Aranha retrata o problema da colonização alemã no Espírito Santo.

MONTEIRO LOBATO



Suas maiores características

Monteiro Lobato é estudado aqui como um pré-modernista, por suas duas maiores características fundamentais em sua obra de ficção: **o regionalismo e a denúncia da realidade brasileira**. No entanto, no plano puramente estético, Lobato assumiu posições anti-modernistas, como bem atesta o seu artigo sobre a exposição de Anita Malfatti, em 1917, intitulado “Paranoia ou Mistificação”.

Como regionalista, o autor nos dá a dimensão exata do Vale do Paraíba paulista do início do século XX, sua decadência, seus costumes e sua gente. Só mais tarde o autor toma consciência da realidade daquela população subnutrida, marginalizada socialmente, sem acesso à cultura, acometida de toda sorte de doenças endêmicas.

Este é o traço mais importante da ficção lobatiana: a descrição e a análise do tipo humano característico da região, o caboclo Jeca Tatu, a princípio chamado de vagabundo e indolente.

Obras:

“Urupês”, “Ideias de Jeca Tatu”, “Cidades Mortas” e “O Sítio do Pica-pau Amarelo” (Literatura infantil lobatiana, que além do caráter moralista e pedagógico, não abandona a luta pelos interesses nacionais.)

AUGUSTO DOS ANJOS (1884-1914)

Como poeta, sua obra é de grande originalidade. Considerado por alguns como poeta simbolista, Augusto dos Anjos apresenta na verdade uma experiência única na literatura universal: a união do simbolismo com o cientificismo naturalista. Por isso, dado o caráter sincrético **de sua poesia, convém situá-lo entre o grupo pré-modernista.**

Os poemas **de sua única obra, “Eu” (1912)**, chocam pela agressividade do vocabulário e pela visão dramaticamente angustiante da matéria, da vida e do cosmos. Integram a linguagem termos até então considerados antipoéticos, como **escarro, verme, germe**, etc. Os temas, igualmente, são inquietantes: a prostituta, as substâncias químicas que compõem o corpo humano, a decrepitude dos cadáveres, os vermes, o sêmen, etc.

“Psicologia de um vencido”

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância
A influência má dos signos do Zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas.
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra.

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

EXERCÍCIOS

09. Qual é a principal preocupação da prosa pré-modernista?

10. Cite as duas principais obras de Lima Barreto.

11. Quais são as partes de "Os Sertões"? De que trata cada uma delas?

12. Cite outras obras de Euclides da Cunha.

13. De que trata a obra Canaã?

14. Como é o estilo de Euclides da Cunha?

resultou uma obra-prima: Os sertões, publicado em 1902, e marco inicial de nosso Pré-Modernismo.

O sucesso da obra conduziu o escritor à Academia Brasileira de Letras.

Seu último trabalho foi como professor da cadeira de Lógica no Ginásio Nacional do Rio de Janeiro, em 1900.

Sua obra mais importante, Os Sertões, rege-se pelo desejo de fazer uma análise científica do fato histórico que relata. Mas o autor acaba denunciando as condições de vida do nordestino, principalmente daquela camada que ele chama de "sub-raças sertanejas do Brasil".

A divisão da obra em três partes - A terra, O homem e a luta - demonstra a preocupação de narrar os fatos de forma científica. Além disso, denuncia uma visão de mundo determinista. Os críticos apontam muitas falhas no aparato científico que serviu de sustentação para a obra de Euclides, mas nenhum discorda do imenso valor literário da obra. O livro situa-se entre a sociologia e a literatura.

Depois de Euclides da Cunha, nenhum estudo sobre nosso sertanejo pôde prescindir de Os sertões como referência obrigatória.

Textos Complementares

TEXTO I

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu no Estado do Rio de Janeiro, em 1866. Seguiu a carreira de engenheiro militar, da qual se desligou depois de algum tempo.

Foi para São Paulo, de onde sairia no ano seguinte como correspondente do jornal o Estado de S. Paulo, incumbido de fazer a cobertura da Guerra de Canudos. Dessa cobertura jornalística

TEXTO II

Na tarde de 25 de fevereiro de 45, faleceu Mário de Andrade, que pedira num de seus poemas:

*Meus pés enterrem na rua
Aurora,
No Paissandu deixem meu
sexo.*

*.....
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam*

*No Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano...*

.....

Mário de Andrade

APOSTILA SLB9 – PRÉ-MODERNISMO

<https://www.youtube.com/watch?v=UBxq1C4jVLE>

Prof Noslem - Pré-Modernismo

<https://www.youtube.com/watch?v=CX4UzqnZgD8>

Prof Bira - Literatura - Aula 12: Pré-Modernismo

<https://www.youtube.com/watch?v=49-saFyF1bo>

Prfa Greice - Literatura - Aula 04 - Pré-Modernismo

<https://www.youtube.com/watch?v=JQRcjTBXFnI>

Prof Moa – Pré- Modernismo

<https://www.youtube.com/watch?v=aq6drf7qZeE>

Prof Altemir - PRÉ MODERNISMO - aula 01

<https://www.youtube.com/watch?v=TIKBcd7LPfg>

Prof Altemir - PRÉ MODERNISMO - aula 02

https://www.youtube.com/watch?v=iZ_OrvvJbKY

Profa Mara - PRÉ-MODERNISMO | QUER QUE DESENHE | DESCOMPLICA

<https://www.youtube.com/watch?v=68lJyqO5gd8>

LiteraBrasil - 5 minutos sobre: Pré-Modernismo

EXERCICIOS

<https://www.youtube.com/watch?v=PV89Vg3tpiE>

Profa Betânia - Pré-Modernismo: Resolução de Exercícios | Literatura ENEM

<https://www.youtube.com/watch?v=b-vjgUTEMgM>

Prof Anderson - Literatura - Pré-modernismo: Augusto dos Anjos (exercícios)

<https://beduka.com/blog/exercicios/literatura-exercicios/exercicios-sobre-pre-modernismo/>

<https://www.coladaweb.com/exercicios-resolvidos/exercicios-resolvidos-de-portugues/pre-modernismo-2>

<https://www.todamateria.com.br/exercicios-sobre-pre-modernismo/>

<https://exercicios.brasilecola.uol.com.br/exercicios-literatura/exercicios-sobre-pre-modernismo.htm>

<https://exercicios.mundoeducacao.uol.com.br/exercicios-literatura/exercicios-sobre-pre-modernismo.htm>

<http://cantinhomeissaber.blogspot.com/2016/09/pre-modernismo-20-exercicios-com.html>

<https://enem.estuda.com/questoes/?cat=12&subcat=324>

<https://exerciciosweb.com.br/portugues/exercicios-sobre-o-pre-modernismo/>

<https://suportegeografico77.blogspot.com/2019/09/questoes-sobre-euclides-da-cunha.html>

<https://suportegeografico77.blogspot.com/2019/09/questoes-sobre-lima-barreto.html>

<http://voupassarnaesa.blogspot.com/p/pre-modernismo-10-exercicios-com.html>

<https://www.stoodi.com.br/blog/enem/3-questoes-sobre-monteiro-lobato-que-cairam-no-enem/>

<https://suportegeografico77.blogspot.com/2019/09/questoes-sobre-monteiro-lobato.html>